

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

ANA LAURA GRAPIUNA MURTA

JOÁIMA
(re)conhecendo o Vale do Jequitinhonha

MARIANA-MG
2021

ANA LAURA GRAPIUNA MURTA

JOÁIMA
(re)conhecendo o Vale do Jequitinhonha)

Memorial do livro de crônicas apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto Orlando

MARIANA-MG
2021

Catálogo na fonte elaborada pelo bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. 1407

M979j Murta, Ana Laura Grapiuna
Joáima [recurso eletrônico] : (re)conhecendo o Vale
do Jequitinhonha / Ana Laura Grapiuna Murta.-Mariana,
MG, 2021
31 f.+ 1 livro (184 p. : il.)

TCC (graduação em Jornalismo) - Universidade Federal
de Ouro Preto, Mariana, 2021

1. Crônica. 2. MEM. 3. Cultura. 4. Monografia. 5.
Jornalismo - Brasil. 6. Imagem (Psicologia). 7. Comunicação I.
Ricardo Augusto Silveira. II. Universidade Federal
de Ouro Preto - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas
- Departamento de Jornalismo. III. Título.

CDU: 070.4 15 1424092



FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Laura Grapiuna Murta

JOÁÍMA: (re)conhecendo o Vale do Jequitinhonha

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Jornalismo

Aprovada em 23 de abril de 2021

Membros da banca

Prof. Dr. Ricardo Augusto Silveira Orlando – Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração – Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça – Universidade Federal de Ouro Preto

Ricardo Augusto Silveira Orlando, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 07/05/2021



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Augusto Silveira Orlando**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 07/05/2021, às 16:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0168391** e o código CRC **6704A4F2**.

Dedico esse livro a todos os/as jovens que sonham alto.
A força de vontade agregada ao conhecimento
são ingredientes principais para a vitória.
As possibilidades são infinitas. Acredite!

AGRADECIMENTOS

À Deus por sempre me abençoar e me guiar pelos melhores caminhos.

À Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), por mudar a minha vida e ter me aberto tantas portas, principalmente a do conhecimento.

Aos programas de Ação Afirmativa por garantirem a minha permanência na universidade.

A todas as oportunidades de estágio, pela experiência e custeio da minha estadia por aqui.

Aos professores do curso de jornalismo pela dedicação e persistência na educação pública.

Ao meu orientador Ricardo pelo incentivo, aprendizado e por acreditar neste projeto.

À República Aconchego, por ser a minha família Ouropretana.

À família, minha base e maior riqueza. Aos amigos (as) pela parceria e apoio e a mim mesma, pela força de vontade e coragem.

RESUMO

A produção deste memorial consiste em apresentar o projeto editorial criado para a conclusão do curso de Jornalismo, da Universidade Federal de Ouro Preto. O livro “Joaíma: (re)conhecendo o Vale do Jequitinhonha” relata histórias da própria cidade e seus personagens, em forma de crônicas, sobre a cultura local, histórias, tradições, experiências e a rotina dos moradores. O interesse em trabalhar com o gênero crônica surge da possibilidade de uma escrita mais solta e coloquial, que possibilita a interlocução mais fiel com as histórias. As obras impressas e virtuais que tratam de Joaíma seguem um viés habitual: abordam estereótipos da região do Vale do Jequitinhonha, excluindo sua pluralidade e passando uma idéia simplificada para quem não conhece a região. Com isso surge a vontade e a necessidade de acrescentar às referências bibliográficas sobre o município, um produto que dialogue com outras vertentes. Trazer uma outra face da cidade por meio de entrevistas com as pessoas da comunidade que se abriram para falar de suas histórias e especificidades que ficam escondidas por trás de conceitos impostos. Considera-se a possibilidade do material ser acessível e útil tanto para os joaimenses, que vão se reconhecer no livro e ter um espaço de fala, como também para qualquer público que queira ter acesso a um outro olhar sobre a região, possibilitando a ampliação de pesquisas, opiniões e proporcionando mais formas de conhecimento sobre o local.

Palavras-chave: Joaíma; Crônica; Jornalismo; Cultura; Estereótipos.

ABSTRACT

The production of this memorial consists of presenting the editorial project created for the conclusion of the Bachelor's degree in Journalism, from the Federal University of Ouro Preto. The book "Joaíma: recognizing the Vale do Jequitinhonha" tells stories of the city itself and its characters, in the form of chronicles about the local culture, stories, traditions, experiences, and the routine of the residents. The interest in working with the chronic genre arises from the possibility of a more free and colloquial writing, which allows a more faithful dialogue with the stories. The printed and virtual works about Joaíma follow a usual bias: they address stereotypes of the Jequitinhonha Valley region, excluding their plurality and transmitting a simplified idea to those who do not know the region. Thereby, the desire and the need to add bibliographic references about the municipality arise, generating a product that dialogues with other aspects. To bring another facet of the city through interviews with people of the community who opened up to talk about their stories and specificities hidden behind imposed concepts. There is the possibility of the material being accessible and useful both for the people of Joaíma, who will recognize themselves in the book and have their place to speak, as well as for anyone that wants to have access to another perspective about the region, amplifying available research and views, and providing more forms of knowledge about the place.

Keywords: Joaíma; Chronic; Journalism; Culture; Stereotypes.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. JOAÍMA	12
3. A CRÔNICA	14
3.1 Crônica como gênero jornalístico	15
4. JOAÍMA: (re)conhecendo o Vale do Jequitinhonha	18
4.1 Projeto editorial	18
4.2 As crônicas do livro	20
4.3 Estrutura do livro	22
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS	25
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

1. INTRODUÇÃO

A ideia de escrever sobre Joáima surgiu logo no início do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. A intenção era produzir um material que fugisse dos vieses já publicados e que servisse como mediador de informações mais diversas sobre a região do Vale do Jequitinhonha. Os temas que eram explorados sobre o nordeste de Minas, em acervos impressos ou virtuais, não tinham pluralidade e eram abordados por escritores, fotógrafos ou pesquisadores que muitas vezes não eram naturais da região. O que não é um problema, mas de certa forma não trazia proximidade com o lugar. Contudo, mantinham uma ideia singularizada e recorrente do local – fome, miséria, pobreza e carência de diversos recursos –, omitindo pontos fortes e positivos de Joáima. Como filha da terra, percebi a importância de registrar as muitas facetas da nossa localidade e fazer com que outras pessoas também pudessem conhecê-las. Durante esses quatro anos de graduação no Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) e na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) percebi, na convivência diária com os colegas e professores, que muitos também desconheciam a cidade da qual eu tanto contava. Entendi a necessidade de, além da fala, ter algo para ilustrar. Quando tentei buscar por livros, documentários ou artigos, não tive sucesso. Só encontrei temas maçantes e que ocultavam uma parte da nossa história.

A partir dessa premissa e de tentar valorizar a cultura, as histórias e os personagens da cidade, pensei em um produto editorial que seria acessível tanto para os joaimenses quanto para a universidade e qualquer outra pessoa que quisesse se aventurar por Joáima. Partindo da ideia de não escrever sobre as dificuldades da cidade, bem diferente disso, o livro traz a história de um povo que, sim, sofre, porém merece ter nos resultados de pesquisas na internet bem mais que indicações de artigos acadêmicos sobre doenças ou falta de recursos. Como boa jornalista, gostaria de mostrar outros lados desta realidade.

O livro conta a história da cidade por meio do compartilhamento de memórias, fatos marcantes e perspectivas da autora. Por meio de entrevistas com personalidades da cidade, pesquisas em acervos da Biblioteca Municipal e das verdadeiras “bibliotecas humanas”, que são várias por aqui. As pautas para as crônicas foram pensadas de tal forma que eu pudesse contar um pouco das especificidades do que existe em Joáima: a forma de viver da população, dos seus personagens, as quitadeiras, as lendas, os políticos, as credices e peculiaridades da comunidade que compõem o outro lado da história sobre a cidade, para além do que

conhecemos pelos relatos já disponíveis. Busquei explorar também a forma como quem é de fora vê a cidade, entender esse olhar do outro, do visitante, para produzir uma escrita que alcançasse entendimento abrangente.

A escolha da crônica como gênero central do livro me permitiu contar os casos de Joáima de forma mais clara e aproximada. Fazer com que o leitor se sentisse parte daquela história, a entendesse ou reconhecesse. Nas pesquisas bibliográficas sobre a produção de livros e entendimento da crônica, vi que o cronista relata o seu cotidiano, tentando gerar uma cronologia, trazendo leveza, mas sem perder a seriedade de assuntos específicos. Com isso, pude reunir, no mesmo livro, crônicas sobre tradições, culinária, política, as indagações e indignações com as disparidades sociais, sem perder o tom de prosa. Para além disso, a identidade da crônica possibilitou ultrapassar o que tinha proposto como pauta e me fez despertar para assuntos relevantes que também poderiam ser colocados no livro.

Com tantas possibilidades oferecidas pela crônica, em conjunto dos aprendizados que acumulei na universidade, pensei em uma escrita adequada para cada produção. Com embasamento teórico de vários escritores, acredito que consegui em “JOAÍMA: (re)conhecendo o Vale do Jequitinhonha” alcançar o objetivo de desmistificar um pouco o Vale do Jequitinhonha e ser uma multiplicadora de conhecimentos relacionados à região.

2. JOAÍMA

De acordo com seu livro “Joaíma conta a sua história”, Emirani Quaresma Marques relata que os primitivos habitantes da região foram indígenas botocudos, chefiados pelo cacique Tucháua Joahima. Em 1811, vieram os portugueses, com a Sétima Divisão Militar, que ocuparia o Vale do Jequitinhonha sob o comando do alferes Julião Fernandes Leão. O cacique, não se submetendo aos maus-tratos do alferes, liderou um grupo de indígenas e fez forte oposição ao domínio português. Os soldados de Julião instalaram um Quartel Militar do outro lado do rio São Miguel, onde ficava a taba do cacique – hoje o local é conhecido como São Paulino. Após duas batalhas, o alferes “pacificou” os indígenas.

Em 1892, chegou ao pequeno povoado Cypriano de Souza, acompanhado de numerosa família, vindo de Santa Rita (atualmente a cidade de Medina). O novo morador deu incremento à vida do lugar, iniciando amplas plantações e construindo, sob a orientação do Pe. Emereciano Alves de Oliveira, a primeira capela. Nela, em 6 de agosto de 1900, foi celebrada a primeira festa do Senhor do Bonfim, padroeiro da cidade. Até a criação do distrito, em 1911, o atual município de Joaíma era conhecido como “Quartéis”, “Quartel da Água Branca” ou ainda “Quartéis do Senhor do Bonfim”. O atual topônimo deriva do nome do chefe indígena botocudo, Joahyma, que teria dado uma de suas filhas para ser esposa do alferes no momento de selar a paz.

A cidade é localizada no Baixo Jequitinhonha, região Nordeste de Minas Gerais. O município possui 1.664,190 km² de extensão territorial. A população de Joaíma é de 15.432 habitantes (IBGE, 2019). Possui um clima tropical, característico do sul do estado da Bahia, onde faz divisa. As temperaturas variam entre 39°C com mínimas de 21°C, sendo a média 27°C. Caracteriza-se pelo bioma de mata atlântica e clima semiárido, que varia ao longo dos municípios da região. É banhada pelo rio São Miguel e pelos ribeirões Anta Podre Grande e Água Branca, afluente e subafluente do rio Jequitinhonha. A cidade sobrevive do comércio local, da criação de animais, plantações e produção de derivados do leite. A prefeitura municipal é a maior empregadora da região, seguida dos pequenos comércios e da prestação de serviços. Joaíma possui 16 bens tombados pelo patrimônio histórico cultural, entre eles a Câmara Municipal, a Igreja Matriz, o Espaço Cultural (antigo cinema) e algumas casas de antigos moradores. Além da sede, pertencem ao município um distrito, o Giru e 27 comunidades rurais.

Além da parte tradicional e histórica da cidade, Joáima e o Vale do Jequitinhonha são conhecidos na região pela culinária típica. A cozinha joaimense conserva fortes influências dos tempos dos colonizadores, dos tropeiros e vaqueiros. A carne de sol, a paçoca, o torresmo, a feijoada, as farofas de feijão verde e de andu com linguiça de carne de porco e carne de sol são algumas das iguarias conhecidas na cidade. Assim como os requeijões, queijos, milho assado, angu e, é claro, os doces. Geléia de mocotó, compotas de figo, doces de frutas e doce de leite. Uma das tradições é criar o peru durante todo ano para que na época do Natal ele possa ser o prato principal. A ave é embriagada com cachaça e morta na véspera, para a carne ficar mais macia.

Outras características da cidade são seus personagens, os antigos coronéis, as professoras de toda uma geração, as benzedeadas, os trambiqueiros, os atletas, as figuras públicas, os comerciantes, as donas de lojas e entre outros. Seus lugares memoráveis, alguns permanecem de pé até hoje, enquanto outros são lembrados com nostalgia por vários. Escolas, botecos, praças, mercados, quadras, clubes, etc. As suas festas típicas, ou fora de época. As turmas e as suas farras durante os finais de semana. A cidade é caracterizada na região por um povo alegre e festeiro e muito receptivo. As crônicas foram pautadas a partir da história dessas pessoas, lugares e das memórias que permitiram construir uma narrativa da cidade.

3. A CRÔNICA

Para começar essa discussão sobre a crônica, vou utilizar uma das suas próprias características que é a cronologia e explicar como tudo começou. O termo crônica vem do latim *chronica* e está relacionado à religião. Com a chegada do Cristianismo no Egito durante o século II, já existia na cultura o relato dos acontecimentos com as descrições dos fatos na ordem de tempo. As primeiras crônicas aparecem registradas no Antigo Egito e eram escritas pelo escribas, a mando do Faraó, que queria saber das operações de compra e venda de suas mercadorias e acompanhar o dia-a-dia dos outros governantes para saber como foram as suas vitórias e derrotas. Os relatos eram recontados para a população. O registro oficial da primeira crônica data de meados de 1799, na publicação de um jornal de Paris, *Journal des Débats*. No Brasil esse gênero literário chegou bem cedo, com a publicação da carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rey Don Manuel, contando como era a terra prometida.

(...) E daqui mandou o capitão Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias que fossem em terra e levassem aqueles dois homens e os deixassem ir com seu arco e setas. Aos quais mandou dar uma carapaça vermelha e um rosário de contas brancas de ossos, que eles levaram nos braços, e cascavéis e campainhas. E mandou com eles para ficar lá um mancebo degredado, criado de D. João Telo, a quem chama Afonso Ribeiro, para andar lá com ele e saber de seu viver e maneiras. E a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho”. (CAMINHA *apud* SÁ, 1981, p.25)

O relato do fidalgo é fiel às circunstâncias e ao tempo. Cada elemento citado é preciso para entender a pluralidade dos acontecimentos. Fazendo com que o rei “visualizasse” aquilo que estava no papel.

Muito tempo depois, como explica Jorge de Sá, em “A Crônica” (1981), o gênero começou a ocupar um espaço nos jornais, chamado de folhetim. Era produzida como um artigo de pé de página sobre as questões do dia-a-dia. Trazendo sempre informações e atualidades. Com o passar do tempo, o folhetim foi encurtando e deixando de informar e comentar, e se colocou em uma postura de conversa, sendo responsável na maior parte, apenas pela diversão dos leitores. Com uma linguagem mais leve, sem compromisso com a notícia, política, ou questões mais sérias. De acordo com Antonio Candido, na obra “A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil”, o texto com um viés mais moderno se consolidou no Brasil no decênio de 1930, criando um número crescente de escritores e jornalistas. Nesse mesmo ano, apareceram Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga. Este último, de certo modo, na época, seria um escritor voltado para esse

gênero literário. Por ser um dos primeiros, as suas histórias tinham uma escrita mais séria e clássica, condizente com a época.

Quando a alma vibra, atormentada, às pulsações de um coração amargurado pelo peso da desgraça, este, numa explosão irremediável, num desabafo sincero de infortúnios, angústias e mágoas indefiníveis, externa-se, oprimido, por uma gota de água ardente como o desejo e consoladora como a esperança; e esta pérola de amargura arrebatada pela dor ao oceano tumultuoso da alma dilacerada é a própria essência do sofrimento: é a lágrima. (Trecho de *A Lágrima*, de Rubem Braga, sua primeira crônica)¹

Manuel Bandeira seguia uma linha parecida, com crônicas limpas e de gramática impecável. Já Raquel de Queiroz fugia um pouco da regra em seus textos escritos na mesma época dos outros autores, trazendo uma escrita mais parecida com uma “conversa fiada”, o que é próximo das crônicas que encontramos atualmente.

Fui tomar satisfação a meu pai sobre esses assuntos do céu: “O povo diz que o céu é lá em cima e o inferno é lá embaixo. Mas se a Terra é redonda e tem céu em toda a volta, onde fica o inferno?”. Meu pai, meio agnóstico, meio crente, me deu uma palmadinha carinhosa e se saiu: “O inferno é aqui mesmo. Vá brincar!” (*O céu e o inferno*, de Raquel de Queiroz).²

3.1. Crônica como gênero jornalístico

O jornalismo e a crônica têm uma base em comum: a realidade e o cotidiano. No entanto, enquanto o jornalismo tem o dever de manter-se fiel à realidade, muitas vezes utilizando uma linguagem objetiva e transmitindo informações sem opinar sobre elas, a crônica permite uma liberdade muito maior ao autor, que tem “permissão” para fantasiar sobre acontecimentos e para manifestar suas opiniões e sentimentos acerca de algum tema. Tanto um quanto o outro estão presentes na história há muito tempo e permanecem devido a sua relevância. O jornalismo informa, relata e mostra tudo o que acontece na sociedade, com a ideia de imparcialidade, sem que o narrador manifeste as suas opiniões ou sentimentos

¹ A primeira crônica de Rubem Braga foi publicada no jornal *O Itapemirim*, órgão do Grêmio “Domingos Martins”, do Colégio Pedro Palácios, dezembro de 1926. As informações de Levy Rocha, como também a reprodução do jornal podem ser acessadas em <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/a-primeira-cronica-de-rubem-braga-por-levy-rocha.html>.

² Retirada de: <http://decarlicris.blogspot.com/2017/07/fui-tomar-satisfacao-rachel-de-queiroz.html>.

relacionados àquele fato. É uma ferramenta de informação.

Entre todas as atividades humanas, nenhuma corresponde tanto a uma necessidade do espírito da vida social quanto [o] jornalismo. É próprio da nossa natureza informar-se e informar, reunir a maior soma de conhecimentos possíveis do que ocorre no nosso grupo familiar, nas vizinhanças, na comunidade em que vivemos, entre os povos que nos rodeiam e mesmo, nos mais longínquos rincões do mundo. Através desse conhecimento dos fatos, o homem alimenta seu espírito e, fortalecendo-se no exame das causas e conseqüência dos acontecimentos, sente-se apto à ação. Semelhante fato ocorre às coletividades: a divulgação de informações, da exposição, ainda mesmo que superficial, do ponto de vista sobre os assuntos relatados contribuem decisivamente para formar a opinião pública que, ao ser corrente, impulsiona os agrupamentos humanos às decisões de realizações da vida social (BELTRÃO *apud* TUZINO, 2010, p.14).

A crônica não foge desse papel social, ela também informa, mostra e traz a notícia, porém com as características do gênero. De uma forma mais leve, divertida e geralmente focada em um único assunto, quando se trata de crônicas jornalísticas. No início da sua aparição, quando ainda era folhetim, o cronista José de Alencar publicou, em 24 de setembro de 1824, o que seria hoje uma crônica, falando sobre assuntos variados, política, esporte, a cidade, questões sociais e até algumas reclamações sobre o seu cargo. Hoje, dificilmente encontramos essa variedade de temas em uma única crônica. Até porque o seu espaço nos jornais, revistas e colunas cresceu.

Alguns defendem a publicação desse gênero apenas na Segunda Seção, nos segundos cadernos, nos cadernos culturais etc. Outros, como Alberto Dines, acham que o texto leve, engraçado, bem humorado deve perpassar todo o jornal. Neste caso é necessário que o repórter aprenda a desenvolver um estilo próprio pelo qual consiga escrever a notícia ou a reportagem, com todos os dados e sem faltar à ética, mas, ao mesmo tempo, usando uma linguagem fácil, agradável, simples, clara, bem-humorada (CAMPOS *apud* TUZINO, 2010, p.14).

É até uma forma “mais ética” de escrita, uma vez que nas crônicas o autor deixa exposta a sua opinião sobre o assunto, tornando evidente o seu posicionamento ao leitor de que aquele é um texto opinativo.

A crônica tanto é um dos gêneros no interior do jornalismo como também nomeada como mais uma das modalidades nos estudos específicos da crônica, isto é, crônica jornalística. Já citada neste tópico, ela é encontrada principalmente em jornais e colunas opinativas de esporte, política e sociedade. Sempre mantendo as suas características de uma linguagem mais

coloquial com uma pitada de humor, viés literário ou até ficção para o autor manifestar a sua indignação sobre aquele assunto. Sem deixar, contudo, de trazer os fatos apurados, como é papel do jornalismo. “A crônica é considerada um gênero ao mesmo tempo jornalístico e literário, uma forma híbrida. Portanto vivendo uma condição ambivalente.” (BULHÕES, 2007. p. 47).

A Crônica é Jornalismo e Literatura. Sua natureza híbrida impera nesta compreensão. É jornalística quando busca no cotidiano os fatos da vida real que são noticiosos e é literária quando se permite utilizar elementos literários (ex: criação de personagens, linguagem solta e coloquial, etc.) para construí-la (TUZINO, 2010, p.15).

Por isso a mistura de jornalismo e literatura concebe a crônica na dualidade que se equilibra entre o coloquial e o literário. Mostrando a simplicidade, mas repleta das artimanhas artísticas do texto literário. Sendo assim, o cronista por sua vez narra o ocorrido, colocando no papel todos os fatos e detalhes, talvez até fazendo uso da regra das perguntas básicas do jornalismo: o quê, como, onde e por quê. Mas sempre com uma linguagem característica do gênero sem deixar de narrar e ainda continuar sendo uma crônica.

Com o decorrer do tempo, principalmente no Modernismo brasileiro, um grande número de escritores passou a escrever crônicas, tendo como marca o coloquialismo, a denúncia das desigualdades sociais, a valorização do cotidiano de todas as classes, salientando a heterogeneidade e a complexidade do Brasil formando uma consciência mais ampla do país que é a alma da crônica moderna (ARRIGUCCI JR. *apud* ENTREPORTES, 2015, p.35).

A ambivalência do gênero, que transita entre o jornalístico e o literário, comprova que os gêneros textuais não são fixos, que podem passar por alterações durante a sua produção e circulação, dependendo dos objetivos dentro da comunicação a serem alcançados por meio do texto. A crônica e o jornalismo, de um lado, e a crônica como gênero jornalístico, de outro, são exemplos disso.

4. JOAÍMA: (re)conhecendo o Vale do Jequitinhonha

A proposta foi elaborada com o objetivo de trazer para perto da comunidade acadêmica, da joaimense e de quem mais possa se interessar, um outro olhar sobre o Vale do Jequitinhonha, que é marcado por estereótipos. Converteu-se em um livro de crônicas, cujas pautas foram produzidas com o intuito de abordar características que dão à cidade certa identidade e reconhecimento na região. Uma conversa é o que se vai ler em “Joaíma: (re)conhecendo o Vale do Jequitinhonha”. O gênero ajuda bastante para que as histórias tenham essa ideia de prosa, mas sem perder o teor informativo do jornalismo. Porém, ela não se tornou despretensiosa como alguns autores caracterizam a crônica. Aqui tem a pretensão de quebrar estereótipos. O leitor pode conhecer outra Joaíma, diferente do que se vê por aí, interagir com alguns de seus personagens e passear por ruas e lugarejos. Entender como é movida a cultura, a culinária, tradições e até curiosidades.

A ideia de produzir um livro de crônicas da minha cidade natal é uma forma que encontrei para, além de retribuir tudo que aprendi por lá, levar Joaíma ao conhecimento de outras pessoas. E, pensando na instituição, deixar um documento cultural e informativo para aqueles que futuramente forem pesquisar sobre o município ou a região. Que encontrem informações plurais, sobre a carência mas também sobre a cultura e a resistência e alegria de toda uma comunidade.

Os casos dos personagens e lugares, as memórias, as militâncias de uma típica cidade do interior de Minas Gerais. Uma linguagem coloquial que se aproxima do leitor, com um tom de bate-papo e que é compreensível pelos públicos a que se pretende atingir, que têm diferentes perfis. Um trabalho que foi além do seu objetivo – concluir o bacharelado em jornalismo –, tornou-se uma experiência árdua, única e muito gratificante. Com um resultado profissional e carregado de sentimento.

4.1. Projeto editorial

O resultado final deste projeto ganharia uma versão impressa, no entanto, diante da pandemia, ficou em suspenso por várias questões, entre elas o deslocamento para contato com gráficas. Optei em começar a diagramação do livro, a partir dos conhecimentos dos softwares

adquiridos em sala de aula, e visto que não conseguiria entregar a tempo, contei com a colaboração de uma colega, com a qual divido casa, e que tem trabalhado neste campo. Assim, pude acompanhar de perto, opinar e verificar a finalização da forma como havia planejado. O formato digital para que se possa disponibilizar na internet já era um dos objetivos, e claro, será mantido. Posteriormente, a proposta é depositar em um domínio para facilitar o acesso de quem se interessar. Após a avaliação da banca e a melhora na crise sanitária e política vivida em nosso país, a meta é fazer a impressão do livro, contando com a ajuda de patrocínios, uma vez que em Joáima algumas pessoas já se dispuseram a ajudar.

Como proposto no Trabalho de Conclusão de Curso I, a partir dos vieses das pautas e os seus direcionamentos, escolhi três modalidades da crônica para serem trabalhadas no livro, são elas:

- **Literárias:** possuindo um personagem, com um enredo e seguindo uma ordem cronológica, as crônicas literárias se aproximam de reportagens sem os padrões mais engessados do jornalismo, narrando os fatos com as características da crônica.

- **Memorialistas:** baseadas em lembranças da autora e de terceiros, nem sempre elas seguirão uma ordem cronológica, para que sejam melhor compreendidas: posso contar o passado e ligar ao presente. E, dessa mesma forma, recontar as lembranças de terceiros. Essa modalidade apresenta uma característica forte que é um certo sentimentalismo de quem conta.

- **Militante:** Expor a opinião sobre assuntos mais polêmicos e problemáticos da cidade, relacionados à política, à falta de oportunidades, e a histórias de algumas pessoas que são personagens. Porém, sempre com uma linguagem cronística.

O trabalho foi todo norteado pelas referências de cronistas e outras bibliografias sobre o gênero e a sua hibridez. O produto final possui 13 crônicas escritas, 6 páginas de crônicas fotográficas e um espaço reservado para frases escritas pelos próprios joaimenses. Usei como diretriz imagética o livro “A vida que ninguém vê”, de Eliane Brum. Para caracterizar a minha escrita, me baseei principalmente em autores como Rubem Braga, Nelson Rodrigues e Lima Barreto. As escolhas se justificam na proximidade encontrada nos trabalhos dos cronistas com o que eu pretendia para o meu livro. Como por exemplo: “A menina sem estrela”, “Luto da Família Silva” e “200 Crônicas Escolhidas”.

Já para a inserção das imagens, todas que abrem as crônicas e a capa foram tiradas por mim. Optei em abrir cada crônica com uma só imagem procurando que esta materializasse o texto que viria em seguida, colocando todas em preto e branco para criar um padrão e unidade dentro do livro. Utilizei uma ilustração, feita por Ítalo Grope, em “O bicho homem”. Já que se trata de um mito, quis brincar um pouco com o imaginário. Como cada crônica comportaria uma imagem, decidi inserir no miolo partes com alguns cenários da cidade, que pude fotografar no meu recesso do trabalho, no final do ano. Outras imagens são colaborativas e foram registradas e cedidas por personalidades da cidade que estão devidamente creditadas no livro. Já a escolha pelas frases veio porque eu queria inserir o máximo de joaimenses no livro, para que eles também expusessem o que acham da cidade, morando ou não lá, mas como filhos da terra. O que foi muito gratificante, porque várias pessoas se manifestaram para escrever o seu sentimento por Joáima, que em algumas frases até se repetem, reforçando um certo sentimento recorrente, único pela cidade.

4.2 As crônicas do livro

Ao final, entre os textos inicialmente projetados e as histórias acrescentadas no desenvolvimento do trabalho, o livro ficou composto pelas seguintes crônicas:

Um rumo para joaimenses de primeira viagem: Uma espécie de “abre” para os leitores que não conhecem a cidade. Com informações e dados que melhorem a interpretação e entendimento para as outras crônicas. As boas-vindas.

Sobre a crônica: Ao longo do processo de escrita vi que muitas pessoas, fora do meio acadêmico, desconheciam o gênero crônica, ou o entendiam de outra forma. Resolvi criar um pequeno texto sobre isso, trazendo as referências dos autores que estudei ao longo de toda graduação e principalmente para a produção do livro. Com isto, os leitores entenderiam que eu poderia passear sobre diversos temas, sem fazer poesia ou análise de dados, mas trazendo a leveza e o teor informativo, através de causos, que só a crônica possibilitaria.

Quem não aparece na história: No processo de apuração descobri que na cidade existiam vários “Antônios”, que é o personagem desta crônica. Nela eu decidi abordar o início da construção de estruturas que teoricamente dão o nome de cidade a uma localidade: o mercado, hospital, escolas, os bairros, etc. E trouxe a valorização das pessoas que trabalharam na base desses projetos, que colocaram o primeiro tijolo. Mas não tiveram os nomes estampados nas placas de inauguração.

E que haja luz: Uma crônica memorialista em que relato a chegada da energia elétrica na zona rural de Joáima. Um marco importante para as famílias locais, que se mistura com meu entusiasmo de criança e com a felicidade de meus pais, que teriam a partir daí mais comodidade e qualidade de vida. Trago a importância do governo Lula para a minha região. Como era e o que mudou com a chegada da tão esperada luz.

A fé que cura: Representa certo olhar sobre a religiosidade da região, demonstrada na crença de mulheres detentoras de saberes populares que são usados para a solução dos males de outras pessoas. Por meio das pesquisas levantei que não só em Joáima, mas em outras localidades do país mais interioranas, existe a prática da benzeção. Na cidade ela tem sua especificidade, é respeitada e solicitada por grande parte da comunidade.

O bicho homem: Como toda cidade do interior, Joáima possui diversas lendas e contos. Muitas vezes, as histórias passam pelo folclore e viram realidade para muitas pessoas. Quem não se recorda de algum caso macabro contado sob a luz da fogueira nas fazendas, antes de todos dormirem? Nesta crônica trago a história de um lendário “Bicho” que não só está nos contos para as crianças, mas também na memória dos mais antigos, e em histórias recentes, não só na cidade, mas em todo o Vale do Jequitinhonha.

Para dar água na boca: Dona Dejanira, cozinheira renomada da cidade, ensina a tradicional receita da paçoca de carne seca. E o leitor fica com gostinho de quero mais, sabendo das delícias que só são encontradas na região. Tudo isso misturado ao jeito simples das quitandeiras e os seus temperos colhidos no quintal de casa. Dona Dejanira se torna personagem para uma narrativa sobre a culinária local, que ganhou até um livro de receitas produzido pelo Sebrae.

Nem todos brincam de quiz: A abordagem do livro sempre buscou outro viés do que já encontramos em acervos sobre a região. No entanto, caracterizada como crônica militante, me propus a falar de algumas oportunidades que não temos na cidade. A carência na educação acontece em todo o país, porém fica mais evidente no nordeste de Minas, região conhecida por ser a mais pobre do estado. Muitos têm a possibilidade de sair e buscar por oportunidades de estudos, outros nem sabem que elas existem.

Idas e vindas: As dificuldades no acesso regular à cidade e as tantas locomoções feitas por quem sai do município em busca de oportunidades. Apresento as disparidades e irregularidades no sistema de transporte privado, aproveitando histórias de alguns joaimenses que se tornaram ausentes do seu lar.

A arte joaimense de politizar: A política local por si só já é uma história desde os seus primeiros gestores. A forma como os cidadãos lidam com as campanhas eleitorais, a paixão pelos seus candidatos e a forma única de fazer política. É uma característica conhecida da cidade na região. Nesta, recupero histórias que vêm desde a emancipação política de Joáima, até os seus primeiros líderes do executivo, seus feitos e como foram construindo a estrutura da cidade. Por fim deixo um ar de curiosidade para um adendo a esta crônica, escrito a partir das eleições municipais de 2020 e que traz um fato pitoresco sobre o município.

Alô, mãe! Joáima tá na Globo. A arte de politizar 2: O resultado da última eleição municipal na cidade ganhou um espaço garantido no livro. Por uma diferença de dois votos, o prefeito da cidade foi reeleito. Situação que aconteceu em apenas mais uma cidade do país. Além do jeito único dos joaimenses fazerem política durante os três meses de campanha que rendeu muitas histórias e até curiosidades.

Pandemia na terrinha: Um marco para a história da humanidade e dos brasileiros, que também foi vivido por Joáima. Desde que a pandemia tomou a proporção que infelizmente vemos atualmente, decidi colocar no papel como o município lidou com o vírus, uma cronologia da infecção e como ela foi tratada pelos gestores e pela população.

A menina de Joáima: Conta experiência em escrever o livro, das ideias de pautas, as apurações, entrevistas, obstáculos e a minha eterna gratidão à Universidade que me proporcionou finalizar a minha graduação de forma tão especial, voltando para a comunidade, em especial Joaima, o conhecimento que obtive com a ajuda das e dos mestres e do ensino público do ICESA/UFOP.

4.3. Estrutura do livro

A estrutura final do livro ficou assim constituída³:

- Capa
- Falsa folha de rosto
- Folha de rosto com título, nome da autora, prefácio e posfácio.
- Epígrafe

³ Na versão final do livro, após a defesa do trabalho, foi incluída a crônica de autoria do prof. Felipe Viero, um dos membros da banca de avaliação, escrita e apresentada por ele durante sua arguição. No livro, o texto, intitulado “De BH a Joáima, passando por Santiago”, está acompanhado também de seu preâmbulo com considerações sobre o Trabalho de Conclusão de Curso.

- Dedicatória
- Hino de Joáima
- Imagem da bandeira da cidade
- Sumário
- Prefácio por Ricardo Augusto Orlando
- *Imagem:* Placa de acesso à cidade – crédito: Pedro Henrique Grapiuna Murta
Crônica: Um rumo para joaimenses de primeira viagem
- *Imagem:* Homem ouvindo rádio – crédito: Ana Laura Grapiuna Murta
Crônica: Sobre a crônica
- *Imagem:* Antônio Francisco Rosa – crédito: Ana Laura Grapiuna Murta
Crônica: Quem não aparece na história
- *Imagem:* Zona rural de Joáima – crédito: Ana Laura Grapiuna Murta
Crônica: E que haja luz
- *Imagem:* D. Dejanira – crédito: Ana Laura Grapiuna Murta
Crônica: Para dar água na boca
- *Imagem:* Ana de Debrando – crédito: Ana Laura Grapiuna Murta
Crônica: A fé que cura
- *Imagem:* Ilustração Joaquim Antônio, o Bicho da Fortaleza – crédito: Ítalo Grope
Crônica: O bicho homem
- Joáima em fotos (4 páginas) – créditos: Ana Laura Grapiuna Murta, Barcelar Chaves e Kátio Murta.
- *Imagem:* Sala de aula da E.E.Prof. Antônio Gomes Moreira – crédito: Ana Laura Grapiuna Murta
Crônicas: Nem todos brincam de Quiz
- *Imagem:* Ônibus na estrada de São Pedro do Jequitinhonha, distrito de Jequitinhonha – crédito: Ana Laura Grapiuna Murta
Crônica: Idas e Vindas
- *Imagem:* Fachada da Prefeitura Municipal de Joáima – crédito: Ana Laura Grapiuna Murta
Crônica: A arte Joaimense de politicar
- *Imagem:* Campanha eleitoral municipal de 2020 – crédito: Grupo "Joáima em foco" do Facebook⁴. Edição/montagem: Evelyn Grope.
Crônica: Alô, mãe! Joáima tá na Globo. Adendo – A arte joaimense de politicar 2
- *Imagem:* Mulher de máscara sentada no banco da praça – Ana Laura Grapiuna Murta
Crônica: Pandemia na terrinha

⁴ Grupo *Joáima em foco*. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/794479007272742>

- *Imagem:* A autora na infância autografando um livro de poemas da escola – Créditos: acervo particular
Crônica: A menina de Joáima
- Joáima pelos Joaimenses (frases)
- Posfácio – Evelyn Grope
- Sobre a autora
- Agradecimentos
- Crédito das imagens
- Bibliografia consultada.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Já no primeiro período do curso de jornalismo, da UFOP, aprendi o valor da Universidade Pública. E que para além do ensino, também poderia colocar em prática a pesquisa e a atividade de extensão. E assim, de certa forma, trazer informação e prestação de serviços à comunidade seja ela local ou não, como um agradecimento por colaborar na oportunidade que eu tive de realizar uma graduação.

O ensino público, gratuito e de qualidade, aliado ao conhecimento de professoras e professores que me acompanharam nesses exatos quatro anos, me deram o suporte que precisei para passar pelo curso de forma satisfatória e poder concluir um dos sonhos idealizados no início, que é a produção de um projeto que falasse da minha cidade, Joáíma. Nos primeiros anos de curso, pouquíssimos colegas conheciam o local de onde vim, e esses poucos, tinham uma ideia retrógrada que é imposta à maior parte das pessoas, de que a Região do Vale do Jequitinhonha é caracterizada com o peso dos adjetivos fome e miséria. Com o passar dos semestres, consegui desconstruir essa visão, apresentando a minha experiência como filha da terra. Porém, senti falta do apoio bibliográfico para ilustrar o que eu tanto falava. Diante disso, comecei a pensar na produção desse projeto como forma de ter algo físico e documentado que tratasse da região e da minha cidade. Retratar o outro lado, contado por quem vive lá.

No começo, a produção deste livro se tornou quase inviável. Na matéria JOR245, em que já teria que começar a esboçar o meu trabalho de conclusão, não consegui colocar em prática as ideias por precisar de mais tempo para pesquisa. Pelo fato de estar trabalhando, não era possível ir a campo, nesse caso Joáíma, para apurar as informações e começar a construção do projeto. Então mudei o foco e fui para a área da pesquisa. Propus analisar a evolução da imprensa a partir de capas de jornais e revistas, tema que eu também me sinto à vontade para trabalhar e seria mais cômodo, pois não precisaria sair de Ouro Preto. No entanto, os resultados não estavam sendo como eu esperava, justamente por estar cômodo demais. Eu queria algo além para o meu trabalho final. E me sentia acomodada em uma pesquisa que eu tinha interesse, mas não para ser realizada naquele momento.

Nesse mesmo tempo deveríamos escolher o orientador do trabalho e, como me foi sugerido pela minha área de pesquisa, poderia convidar o professor Ricardo Augusto. O professor fez toda a diferença para que eu conseguisse chegar nos resultados de agora. Já na primeira conversa expliquei pra ele sobre a minha inquietação de não ser de fato aquele tema

que eu queria tratar no meu trabalho de conclusão de curso, ele entendeu, me apoiou e me ajudou a dar os próximos passos.

No semestre seguinte começamos a trabalhar os conceitos de crônica, referências textuais, autores, ideias primárias de como seria o projeto editorial e quais assuntos eu iria abordar. Muitas leituras, releituras e pesquisas embasaram a primeira parte deste memorial, que me deu todo o suporte teórico que precisei. Para a minha surpresa, a maior dificuldade foi encontrar publicações sobre Joáima, que trouxessem a cultura e rotina do local. O que reforçou ainda mais a minha vontade de criar algo que dialogasse com o leitor sobre o tema. Comecei a buscar pelas autoras e autores locais, que trabalham mais com o gênero da poesia, mas me nortearam nas pesquisas sobre a cidade. Além, é claro, dos próprios personagens. Encontrei artigos, trabalhos e ensaios fotográficos apresentados sobre a região, idealizados por outros pesquisadores, o que também usei para entender como quem é de fora via o Jequitinhonha e Joáima.

A escolha dos temas se baseou em vivências próprias, histórias que marcaram a cidade e a importância de trazer ao conhecimento assuntos de cunho político e as tradições da cidade. Pensei no que seria relevante ter escrito sobre a cidade a parte dos que eu já conheço, mas também do olhar de outras pessoas daqui. Queria misturar um pouco de tudo, já que a crônica me possibilita essa infinidade de prosas, seja ela mais séria ou descontraída. Por isso a divisão das crônicas em três modalidades (literária, memorialista e militante).

A cada entrevista conhecia uma parte da história do meu lugar e me reconhecia ali. Me trouxe um sentimento de pertencimento. O mesmo sentimento que quero trazer para os leitores nativos. Já para os joaimenses de primeira viagem, quero ser uma multiplicadora de informações, que até então não eram conhecidas por muitos deles.

O TCC e o levantamento de informações foram feitos durante a pandemia, o que por um lado se tornou mais dificultoso, mas por outro, pelo acréscimo de tempo, o deixou mais viável e completo. Por estarmos enfrentando uma crise sanitária, as conversas com os personagens e outras pessoas que colaboraram com a construção do livro foram feitas com todo o cuidado necessário, seguindo as normas de segurança estabelecidas pela OMS e a secretaria de saúde da cidade. Aproveitei um momento em que estive na cidade, trabalhando de home office, para apurar melhor as informações e me surpreender com histórias que eu até então desconhecia. Com muita prosa e mesmo com distanciamento social, a apuração rendeu.

Ao retornar para o trabalho presencial, em Ouro Preto, muita coisa ainda era faltosa. À medida que eu ia construindo as narrativas, ideias iam surgindo e eu precisava checar e confirmar muitas pontas soltas. A internet foi a ferramenta que me ajudou bastante para viabilizar as atividades nestes tempos. Pesquisas em sites como por exemplo IBGE, ANTT e outros me deram suporte para embasar e dar ainda mais veracidade às crônicas. Os joaimenses foram essenciais neste período, colaborando por meio do envio de fotos, ideias e relatando acontecimentos. Todas as informações foram minuciosamente apuradas para serem colocadas no livro.

Inicialmente, na produção das crônicas, não segui a ordem que elas foram dispostas no livro, experimentei uma escrita livre, para depois alinhá-las cronologicamente, criando uma conexão e unidade. Tive a oportunidade, não por bons motivos, de estar em Joáima, o que acabou viabilizando o projeto, embora com tudo suspenso na universidade. Além disso, pude perceber outras pautas que precisavam ser tratadas no livro. Ao saberem do meu trabalho, os joaimenses se solidarizaram e quiseram contribuir, muitos insistiram em aparecer nas histórias que seriam contadas. Para construir as crônicas, procurei não ter pressa (principalmente porque as atividades da universidade estavam suspensas). Imagino que o prazo inicial para a conclusão não deixaria com que o livro e memorial atingissem o resultado esperado e alcançado. De certa forma, tive sorte em poder ter mais tempo. Muitas vezes comecei uma crônica e foi preciso mudá-la ou acrescentar várias informações que iam surgindo assim que eu escrevia. Outras vezes deixei que mesmo as completas ficassem um tempo “de molho” para que eu revisasse mais tarde. O que ajudou na composição de informações mais completas. Assim, tanto os joaimenses quanto os outros leitores conseguiriam adentrar naquele mundo por meio de três a quatro páginas.

A escrita começou dura e tive receio em me soltar demais. A escolha da crônica foi principalmente pela capacidade do gênero ser híbrido e poder trazer, até no mesmo texto, indignação e beleza. Mas, por essa mesma característica, me sentia tensa por talvez não conseguir trabalhar com essa balança de possibilidades. Após as primeiras crônicas corrigidas, Ricardo me orientou a me soltar mais; a narrativa estava, ainda, num estilo muito informativo. Nas seguintes já consegui me colocar mais naquelas histórias e sentir que quem lesse poderia entender do modo como eu queria mostrar. Fomos adaptando a escrita, correções daqui e dali, relendo e ouvindo. E devagar conseguimos completar as crônicas escritas.

As fotografias deram mais trabalho. Como ficaram para o final, eu já não estava em Joáima e tive que contar muito com a ajuda de familiares e amigos para me enviar as fotos que eu queria do acervo da biblioteca municipal. Tentei usar do “azar” de não estar lá até a conclusão, para colocar mais das pessoas no livro. Algumas imagens foram ideias delas. Decidi colocar as fotografias bem no meio do projeto como uma espécie de galeria e para quebrar um pouco das primeiras crônicas que são mais introdutórias e se ilustram com as imagens que vem em seguida. Da mesma forma, coloquei fotos mais atuais no final dessa galeria para ser um abre para as próximas crônicas. A capa seguiu o conceito de conjunto que forma unidade. Sendo que cada um daqueles joaimenses me ajudaram a compor as crônicas que vocês encontram no livro. E bem mais que isso, ajudaram a compor a história da cidade e a minha própria. O abre de cada crônica é ilustrado pelo seu personagem e pelos lugares dos quais se fala.

Como um todo, fiquei muito satisfeita com os resultados que alcancei. Eu almejava tanto, mas, de verdade, não esperava que fosse chegar a tudo isso. Sinto que consegui ir além do meu objetivo principal, que era quebrar estereótipos. Vejo que trouxe no livro um pouco das histórias, uma identidade, um reencontro do joaimense com ele mesmo e o orgulho de fazer parte dessa terra. Trouxe um outro olhar do Vale do Jequitinhonha e de Joáima, multipliquei aspectos da cultura e das tradições singulares e dei nome e rosto aos personagens que antes eram conhecidos no registro da carência, da falta, e que, a partir de então, podem estar no imaginário das pessoas com outras feições.

É importante mostrar que consegui escrever um livro na graduação de jornalismo, além de outras coisas tão incríveis. E que com o livro eu possa ser uma incentivadora de outras aspirantes a autoras por aí. Nada disso seria possível sem meu orientador Ricardo, os colegas do curso, professores e técnicos. Vocês são os verdadeiros exemplos de persistência. Que nossa educação pública, gratuita e de qualidade se fortaleça, mesmo diante da ignorância. E que muitos e muitas possam ter a oportunidade de aprender e crescer na UFOP, no ICSA, em Ouro Preto e Mariana.

6. REFERÊNCIAS

- ABRATI – Associação Brasileira de Transporte Terrestre De Passageiros. 2021. Disponível em: <http://www.abrati.org.br/quem-somos/>.
- AGÊNCIA BRASIL. Primeiro caso de covid-19 no Brasil completa um ano. Brasília, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano>.
- ANTT – Agência Nacional de Transporte Terrestre. Informações das linhas convencionais: tarifas e horários. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/antt/pt-br>.
- BENDER, Flora Cristina; LAURITO, Ilka Brunhilde. **Crônica** : história, teoria e prática. São Paulo: Ed. Scipione, 1993.
- BESSA, Bráulio. **Quem se esquece de onde veio, não sabe pra onde vai**. Revista Direção, Agência Sebrae de Notícias, 2017. Disponível em: <http://www.pe.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/PE/quem-se-esquece-de-onde-veio-nao-sabe-pra-onde-vai.ee5567402b96d510VgnVCM1000004c00210aRCRD>.
- BULHÕES. Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- BRUM. Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre. Ed. Arquipélago. 2012.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. Legislação Informatizada – Decreto nº 41.740, de 1º de Julho de 1957 – Publicação Original. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-41740-1-julho-1957-380602-publicacaooriginal-1-pe.html>.
- CANDIDO, Antonio. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas-SP: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CEMIG. Cemig direciona mais de R\$ 21 milhões ao sistema elétrico dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha. 2019. Disponível em: <https://canalenergia.com.br/noticias/53096499/cemig-direciona-mais-de-r-21-milhoes-ao-sistema-eletrico-dos-vaes-do-mucuri-e-jequitinhonha>.
- ENTREPORTES. Rosalice A. **A crônica numa abordagem multimodal**. Belo Horizonte, 2015. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte.
- ESTADO DE MINAS – Frota de veículos clandestinos pode chegar até 25 mil em Minas. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/03/27/interna_gerais,857358/frota-de-veiculos-do-transporte-clandestino-pode-chegar-a-25-mil-em-mg.shtml.
- G1. Brasil tem 656 mortes por coronavírus em 24 horas, mostra consórcio de veículos de imprensa; são 65.556 no total. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/06/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-6-de-julho-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>.
- G1. Desempate por idade, vantagem de 1 voto: veja as disputas mais acirradas nas eleições de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/eleicao-em-numeros/noticia/2020/11/16/desempate-por-idade-vantagem-de-1-voto-veja-as-disputas-mais-acirradas-nas-eleicoes-de-2020.ghtml>
- GLOBO. Lei que torna transporte irregular infração gravíssima entra em vigor. Agência Brasil, 2019. Disponível em: https://gazetaweb.globo.com/portal/noticia/2019/10/lei-que-torna-transporte-irregular-infracao-gravissima-entra-em-vigor_87441.php.
- GONTIJO. Disponível em: <http://www.gontijo.com.br/>.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico: resultados preliminares – Joáima. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/joaima>.

MARQUES. Emirani Quaresma. **Joáima conta a sua história**. Guiatel S.A. Belo Horizonte, 2007.

MATOSINHOS. Livia Aladim. **Universalização do acesso à energia elétrica: uma análise em municípios mineiros**. Unversidade Federal de Viçosa. Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural. Viçosa, 2017. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/20042/1/texto%20completo.pdf>.

MELO, José Marques de. A crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. (Orgs.). **Jornalismo e literatura** – a sedução da palavra. São Paulo: Ed. Escrituras, 2002.

MOISÉS, Massaud. **Dicionários de termos literários**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1999.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA – Saberes tradicionais de cura fortalecem a identidade das Benzedeiras. Paraná, 2015. Disponível em: <https://mst.org.br/2015/06/23/saberes-tradicionais-de-cura-fortalecem-a-identidade-das-benzedeiras/>.

O TEMPO. Foto de monstro na internet revive lenda do Jequitinhonha. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/foto-de-monstro-na-internet-revive-lenda-do-jequitinhonha-1.1252519>.

PORTAL DA TRANSPARÊNCIA. Localidades, Joáima, 2020. Disponível em: <http://www.portaldatransparencia.gov.br/localidades/3136009-joaima?ano=2020>.

PORTAL DE LEGISLAÇÃO. Diário das leis. Decreto nº 22055 de 14/11/1946 / PE – Poder Executivo Federal (D.O.U. 23/11/1946). Disponível em: <https://www.diariodasleis.com.br/legislacao/federal/120449-outorga-a-empresa-forca-e-luz-de-joaima-concessao-para-o- aproveitamento-da-energia-hidraulica-da-cachoeira-sem-nome-situada-no-corrego-anta-podre-distrito-de-joaima-municipio-de-jequitinhonha-est.html>

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOAÍMA. Transparência Coronavírus. Disponível em: <https://joaima.mg.gov.br/contratacoes-coronavirus>.

RODRIGUES, Nelson. **A menina sem estrela**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.

SABINO, Fernando. **A companheira de viagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Sabiá, 1972.

SEBRAE-MG. 2011. Projeto Ambiente Gastronômico no Vale. Disponível em: <http://passadicovirtual.blogspot.com/2011/01/projeto-ambiente-gastronomico-no-vale.html>.

SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE. Confirmação do primeiro caso de Coronavírus (Covid-19) em Minas Gerais. Disponível em: <https://www.saude.mg.gov.br/component/gmg/story/12233-confirmacao-do-primeiro-caso-de-coronavirus-covid-19-em-minas-gerais>

SENADO. Veja quanto cada estado e município receberá no Programa Federativo de Enfrentamento ao Coronavírus 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/05/04/veja-quanto-cada-estado-e-municipio-recebera-no-programa-federativo-de-enfrentamento-ao-coronavirus>

SIEBERT, Silvânia. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. **Ling. (dis)curso**, Tubarão, v.14, n.3, p.675-685, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-140313-4713>.

SILVA, Anselmo José Ferreira da. **A crônica jornalística no Brasil** : Antônio Prata, um cronista deste tempo. São Paulo, 2019. 158f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Mercado) – Faculdade Cásper

Líbero, São Paulo.

SIMÕES, André de Freitas. A evolução da crônica como gênero nacional. **Estação Literária**, Londrina, v.4, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/25295>

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL. Designação da Localização das Seções Eleitorais – 13/07/2016 do TRE-MG. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/documentos/360803365/edital-n-021-2016-designacao-da-localizacao-das-secoes-eleitorais-13-07-2016-do-tre-mg>.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Resultado eleições municipais ordinárias 2020 primeiro turno. Disponível em: <https://resultados.tse.jus.br/oficial/#/eleicao:e=e426;uf=mg;mu=47198/resultados>

TUZINO. Yolanda Maria Muniz. Crônica: uma intersecção entre o jornalismo e a literatura. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf>